

O Instituto Búzios no Quilombo de São Francisco do Paraguaçu
Arlene Malta e Gil Nunes

*Ser negro/a hoje é sentir na pele
as mesmas chicotadas que os nossos irmãos/irmãs
de outrora sentiram.
Só mudaram o formato da chibata, mas
fere do mesmo jeito. Arde, corta o coração da gente,
quando a nossa pátria tenta nos negar
o direito de, simplesmente, sermos gente.
(Gil Nunes)*

Junho de 2008: o Instituto Búzios inicia a organização de uma viagem à Comunidade de São Francisco de Paraguaçu, município de Cachoeira. O objetivo: possibilitar aos participantes a condição de sair das teorias e do imaginário do que seria um Quilombo e seus remanescentes na sociedade atual, conhecendo e implicando-se com a causa do povo quilombola. Então, o convite nos foi feito!

A idéia foi difundida e o grupo foi formado com pessoas das mais várias profissões e militância sócio-política; em especial, educadoras se fizeram presentes (e isto nos traz esperanças!).

Toda a mobilização e organização resultaram na viagem do dia 20 de julho de 2008 – data que bem poderia entrar no calendário histórico, frente à importância dos fatos vivenciados. Não podemos assegurar precisamente os motivos pessoais que conduziram cada pessoa a se aventurar nesta empreitada. Mas, o certo é que todos e todas tiveram superadas as suas expectativas. O que esperávamos encontrar? Pessoas na luta que precisavam de ajuda. As encontramos, é verdade! Mas, para além da necessidade de ajuda (registre-se aqui que ajuda de caráter político, de intervenção na realidade opressora), encontramos uma comunidade que luta com consciência plena do caráter inexorável da História: aqueles homens e mulheres sabem que a História não é rígida/inflexível, mas, está sendo construída, de acordo com os limites impostos e possibilidades conquistadas nos espaços de luta. Por isto, tinham consciência que a nossa presença representava a possibilidade de novas parcerias; afinal, a libertação se processa no coletivo e em rede!

O que aprendemos sobre a comunidade: a História desta Comunidade Quilombola remonta os primórdios da época colonial vivida no Brasil; um dos primeiros Engenhos do País fora ali construído. A marca de luta e resistência do povo negro também se registra no Vale do Iguape: quinze comunidades quilombolas se assentam neste pedaço de chão, e dentre elas, a do São Francisco do Paraguaçu. Infelizmente, a História se descuida e conquistas são ameaçadas. A tão alardeada “libertação dos escravos” não garante a este povo a devolução do direito de prover a subsistência a partir do seu trabalho.

A terra continua a ser tomada de quem produz para satisfazer interesses da classe hegemônica. A terra conquistada na luta vai sendo perdida por ameaças e desmandos dos fazendeiros da região – perde-se o direito de plantar e de colher. Os manguezais que alimentavam a todos passam a ser propriedade privada, na medida em que são cercados, pelos mesmos fazendeiros: perdem o direito a mariscar. O mar, quem diria? Também se torna limitado; os maus tratos e ameaças diminuem o poder de pesca. Até o direito de reconhecerem-se quilombolas precisa ser conquistado diariamente. A opressão burguesa exige que muitas famílias neguem a sua linhagem e isto se garante com sub-empregos ou ameaças de mais opressão. Com isto ganham tempo para que a certificação da posse da terra não seja garantida àqueles que dela têm direito. Felizmente, o povo negro continua a não se render: na luta se formam, constroem saberes e práticas que lhes garante *ser mais e melhores*, a despeito de toda a forma de opressão. Afinal, aprenderam com os nossos ancestrais a se fortalecerem na lida diária pela libertação. Com certeza, conquistarão!

Éramos 26 pessoas que pensávamos saber muito sobre o processo de opressão ali vivenciado – das muitas educadoras, a maior parte era professora de História. Contudo, a sabedoria de Roseni, Sr. Altino, D. Maria, Sr. Osório, Bendengó, Anselmo e tantos outros se sobrepuseram aos nossos conhecimentos escolares/acadêmicos. Entretanto, termos escutado de perto àquelas pessoas, suas lutas cotidianas regadas à dor, sofrimento, limitações, humilhações, mas acima de tudo fé e esperança de dias melhores nos fez questionar sobre os anos que passamos nos bancos escolares. Com certeza, não nos fizeram sábios e mais humanos! Os nossos títulos de pouco adiantavam ali. Compreendemos, então, que a vida está para além do que vivenciamos nas organizações próprias ao mundo moderno/contemporâneo.

A dignidade nas falas e atitudes daqueles homens e mulheres quilombolas, que em momento algum demonstraram rancor, ressentimentos, mas acima de tudo convicção do que são, do que querem, do que têm direito, do juízo de suas causas, nos afirmavam que, mais do que ajudar, fomos ajudados nesta etapa do caminho. A partir do espaço e tempo da aula que nos foi ministrada em um dia, é que nos será possível ajudar, considerando as nossas possibilidades para dar respostas às questões: O que faremos dessa visita? Qual a nossa posição político-social enquanto grupo? De que forma podemos ajudar os quilombolas? Foi apenas uma visita de curiosos?

Síntese da viagem: o acolhimento que garantiu o sentimento de pertença àquele grupo; o acesso a sabedoria fruto da ancestralidade, da oralidade apreendida e passada de geração em geração, carregada de histórias de há séculos e o contato com um saber construído da lida diária, mas alicerçado por valores que sedimentam a relação homem/mulher - natureza de forma solidária, reflexiva e autônoma.

O que trouxemos e aprendemos foi muito. A questão que se faz agora é: o que levaremos para a comunidade e para as vidas que tocam as nossas de forma cotidiana? O que faremos com o muito que aprendemos? Nossas escolhas serão determinantes para a construção do nosso futuro! Portanto,

que possamos continuar a caminhada juntos na busca por caminhos mais justos e, conseqüentemente, mais acertados.

Valeu Instituto Búzios! Que este seja apenas o início de várias viagens na semeadura da aprendizagem e justiça social, para que não percamos a direção que nos impulsiona aos quilombos, marcas da nossa libertação.